

DESCOLONIZANDO SABERES: O MILHO NA PERSPECTIVA MBYÁ GUARANI

LISANDRA FILES DIAS¹;
ELIZA MARA LOZANO COSTA²

¹Universidade Federal de Rio Grande – lisandrafilesdias@bol.com.br

²Universidade Federal de Rio Grande – elizacosta2005@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Atualmente fala-se da importância de “descolonizar” o pensamento, especialmente a partir da falência das nossas maneiras de relacionamento entre humanos e não humanos, e uma busca de modos alternativos de pensar essas relações, como a dos chamados povos tradicionais. Documentos oficiais já assumem que a “perspectiva descolonial ou descolonização do saber e do poder significa reconhecer que o pensamento tradicional dos povos originários tem o mesmo grau de importância que o pensamento ocidental” (BRASIL, 2015), e grande parte das propostas científicas e tecnológicas hoje acrescenta a seus propósitos “a valorização”, o “respeito” à cultura local, o “fortalecimento de identidades locais”, indicando a intenção em proporcionar um “diálogo entre saberes” acadêmicos e “tradicionais” que assegurem a viabilidade do projeto.

No entanto, não é tão simples esse encontro de saberes. Saberes locais que podem ser interessantes à ciência, à academia, ao desenvolvimento como um todo, entretanto, não são dados isolados a serem classificados num museu, ou elementos para serem incentivados ou descartados. São parte de sistemas classificatórios e modos de pensar muitas vezes complexos e que podem ser muito distintos dos acadêmicos, muitas vezes perdendo qualquer significado se desconectados do contexto social, religioso, moral ou mítico dos grupos em que foram gestados (ver, por exemplo, VIVEIROS DE CASTRO, 1996).

A partir disso, selecionou-se os sistemas agrícolas do milho (*Zea mays*) como um ponto de partida para o exercício de diálogo entre diferentes saberes, digamos - um ocidental e outro tradicional - procurando percebê-los dentro de suas diferentes cosmologias. De um lado, utilizou-se o texto de MICHEL POLLAN (2007) sobre o consumo do milho e sua co-evolução com os seres humanos e a discussão sobre agroecossistemas de GLIESSMAN (2008). De outro lado, procurou-se estudar como o milho está envolvido em vários aspectos da vida entre os Guarani Mbyá, a partir do trabalho de FELIPIM (2001), que trata do sistema agrícola praticado por esse grupo indígena e as variedades cultivares do milho.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho bibliográfico surge da convivência com alguns grupos indígenas amazônicos, estudos sobre agroecologia, biologia e antropologia e, por último, a convivência proporcionada por uma bolsa de apoio pedagógico discente dos estudantes indígenas e quilombolas do curso de Agroecologia (PRAE-FURG).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro capítulo do livro *Dilema do Onívoro*, de MICHEL POLLAN, discorre sobre a questão da alimentação humana, analisando a origem e história evolutiva do milho; aspectos fisiológicos e ambientais da planta, assim como os impactos dessa cultura tão bem vinculada ao capitalismo moderno. O autor pergunta-se “o que um detetive ecológico descobriria ao remontar a origem de cada item do seu carrinho de supermercado até o solo onde é cultivado?” (POLLAN, 2007, p.25), constatando que a maior parte dos produtos do supermercado americano e redes de *fast-foods* têm em sua composição derivados do milho e, mais do que isso, estudos apontam que os indivíduos que se alimentam com produtos industrializados à base de milho vêm sofrendo alterações na sua composição genética (POLLAN, 2007).

Para POLLAN (2007), o milho co-evoluiu com os ameríndios até a conquista da América, sendo responsável pelo sucesso dos colonizadores e através dos quais ganhou o mundo, graças a sua versatilidade, tanto como formas de uso, como capacidade adaptativa em ecossistemas variados.

Foi a partir do século XX, no entanto, na visão de GLIESMANN (2008), com a biotecnologia aliada ao capitalismo, que o agricultor passou a ser dependente da compra de novas sementes a cada época de plantio, perdendo sua autonomia e aumentando o custeio da produção através da necessidade de insumos externos, como os agroquímicos. Para esse autor, o atual sistema monocultor tem reduzido a biodiversidade do ecossistema natural, alterando os fluxos de energia e a ciclagem de nutrientes no sistema, tornando-o insustentável ao longo do tempo. (GLIESSMAN, 2008)

Adriana Felipim é uma agrônoma que estuda o manejo e a grande variedade de sementes de milho entre os Guarani Mbyá, encontrando-se em suas roças sementes de grãos duros, brancos, vermelhos, amarelos, escuros, de espigas pequenas, dentre muitos outros (FELIPIM, 2011), variedade que é resultado de um conjunto complexo de técnicas de manejo e conservação. Por exemplo, CADOGAN (1992), em seu dicionário, apresenta a porongo (*Lagenaria siceraria*) como local de conservação após o milho ser defumado pelo dirigente.

Para os Mbyá, o milho, assim como outras espécies, é considerado uma das plantas sagradas, ou "plantas verdadeiras", aquelas que seriam encontradas na "Terra sem Males", "presentes de Nhanderu" porque, além de outros motivos, serem capazes de reproduzirem-se de forma espontânea (FELIPIM, 2001, e COSSIO, 2015).

Para Michel Pollan, botânicos acreditam que a espécie que gerou o milho, a "mãe do milho" na língua náuatle, sofreu uma "catastrófica transmutação sexual", deixando a espécie atual dependente da mão humana para existir (POLLAN, 2007, p. 35). Mas, para os Mbyá, a diversidade de sementes e a possibilidade de cruzamento entre elas poderia gerar uma planta nova, a qual responderia a esse ideal da terra sem mal. É interessante pensar que a espécie que teria se transmutado poderia fazer o processo inverso, tornando-se mais uma vez livre.

É durante o Nhemongoraí, batismo e nomeção das crianças, que o milho se realiza como um elo entre o mundo humano e o dos deuses, pois através dele que os xamãs descobrem o nome de cada criança, sua "alma-palavra". Conforme CATAFESTO DE SOUZA:

[...] Nhamandu desdobrou-se enquanto um Grande Coração, pai verdadeiro de todas as crianças que dele surgiram. Depois, desdobrou-se em Karaí, cuja morada fica a Leste; em Tupã, cuja morada fica a Oeste; e em Jacairá, que reside na bruma originária. Todos, pais

verdadeiros das gerações vindouras. Deuses e suas mães tornaram-se os avós verdadeiros de todos os Mbyá. O espírito de cada criança pode vir de cada uma das direções onde habitam mães e pais primordiais, exigindo o êxtase visionário dos rezadores para o diagnóstico da direção de sua origem. O assento da alma-palavra é assegurado pela celebração coletiva do Nhemongaraí (ritual de nominação e batismo). (CATAFESTO DE SOUZA et al., 2007 apud COSSIO, 2015)

Essa “alma palavra”, seria como uma materialização das coisas sagradas, e o nome revelado para o rezador o qual irá indicar a direção, o futuro da criança, e quem ela é, pois “o Guarani não tem um nome, ele é aquele nome” (NIMUENDAJÚ, apud BATISTA e COELHO-DE-SOUZA, 2013)

4. CONCLUSÕES

Neste momento da pesquisa, é possível apresentar algumas observações a respeito desses diferentes saberes:

A primeira seria as maneiras de conceber o milho ideal. Do ponto de vista ocidental, nota-se a busca da seleção racional de uma variedade mais produtiva, mais resistente, que possa ser reproduzida de forma mais lucrativa. Entre os Guarani Mbyá, prioriza-se a diversidade, pois somente através dela seria possível o surgimento do milho considerado “presente de Nhanderu”. Como afirma Manuela Carneiro da Cunha (RIBEIRO, 2013) sobre os indígenas do Rio Negro, haveria um “gosto pela coleção”, em oposição à lógica capitalista de um padrão único.

Também é possível notar como essa espécie apresenta-se dentro das respectivas cosmologias, nas quais há maneiras próprias de entender a história e o futuro. Por exemplo, o pensamento ocidental vem estudando o milho, a partir da genética, desde a origem evolutiva dos humanos e das plantas, até os resultados dessa relação e suas implicações e riscos ecológicos. Para os Mbyá, o milho também é pensado na relação entre passado e futuro, tanto no sentido de ser ponte entre o céu e os homens, quanto na ligação que o nome, a palavra-alma revelada no batismo, estabelece entre a origem da criança e seu destino.

Procurou-se “levar a sério” as diferentes visões sobre a planta, tal como afirma VIVEIROS DE CASTRO (2002), e isso não quer dizer acreditar ou não em Nhanderu, mas saber o quanto é importante considerar a existência dele para que se possa pensar essa forma diferente, descolonizada, da agricultura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Fundação Nacional do Índio. **Texto-base – 1ª. Conferência Nacional de Política Indigenista.** Brasília, jun. 2015. Acessado em 12 dez. 2016. Online. Disponível em <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2015/img/06-jun/Documento%20Base%20-%202506.pdf>

CADOGAN L. **Diccionario Mbya Guarani – Castellano.** Assunção: Biblioteca Paraguaya de Antropologia/ Fundación “Leon Cadogan” / CEADUC-CEPAG, 1960.

COSSIO, R. **Etnoecologia caminhante, oguata va'e, em trilhas para descolonização de relações interculturais: circulação de pessoas e plantas Mbya Guarani entre Brasil e Argentina.** 2011. 221f. Dissertação (Mestrado) -

Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FELLIPIM, A.P. Os sistemas agrícolas Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na aldeia guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP. 2001.120p. Dissertação (Mestrado) Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo.

GLIESSMAN, S.R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS, 2008.

POLLAN, M. A Planta: a conquista do livro. In, **O dilema do onívoro: uma história de quatro refeições.** Rio de Janeiro: Intrínseca. 2007. Cap. 1, p.23-39 .

RIBEIRO, E. M. É um erro escolarizar o conhecimento tradicional, avalia pesquisadora da USP (entrevista com Manuela Carneiro da Cunha). Belo Horizonte, 21 nov.2013. Online. Acessado em 6 jan. 2017. Disponível em <https://www.ufmg.br/online/arquivos/031025.shtml>

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Revista Mana. Rio de Janeiro, out.1996. Acessado em 10 jan. 2017. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. Rio de Janeiro. Revista Mana, 2002. Acessado em 25 nov. 2016. Disponível em: Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100005